XXVII CONGRESSO NACIONAL DO CONPEDI PORTO ALEGRE – RS

CRIMINOLOGIAS E POLÍTICA CRIMINAL II

THAIS JANAINA WENCZENOVICZ

VLADIA MARIA DE MOURA SOARES

Copyright © 2018 Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito

Todos os direitos reservados e protegidos. Nenhuma parte deste anal poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados sem prévia autorização dos editores.

Diretoria – CONPEDI
Presidente - Prof. Dr. Orides Mezzaroba - UFSC – Santa Catarina
Vice-presidente Centro-Oeste - Prof. Dr. José Querino Tavares Neto - UFG – Goiás
Vice-presidente Sudeste - Prof. Dr. César Augusto de Castro Fiuza - UFMG/PUCMG – Minas Gerais
Vice-presidente Nordeste - Prof. Dr. Lucas Gonçalves da Silva - UFS – Sergipe
Vice-presidente Norte - Prof. Dr. Jean Carlos Dias - Cesupa – Pará
Vice-presidente Sul - Prof. Dr. Leonel Severo Rocha - Unisinos – Rio Grande do Sul
Secretário Executivo - Profa. Dra. Samyra Haydêe Dal Farra Naspolini - Unimar/Uninove – São Paulo

Representante Discente – FEPODI
Yuri Nathan da Costa Lannes - Mackenzie – São Paulo

Conselho Fiscal:
Prof. Dr. João Marcelo de Lima Assafim - UCAM – Rio de Janeiro
Prof. Dr. Aires José Rover - UFSC – Santa Catarina
Prof. Dr. Edinilson Donisete Machado - UNIVEM/UENP – São Paulo
Prof. Dr. Marcus Firmino Santiago da Silva - UDF – Distrito Federal (suplente)
Prof. Dr. Ilton Garcia da Costa - UENP – São Paulo (suplente)

Secretarias:
Relações Institucionais
Prof. Dr. Horácio Wanderlei Rodrigues - IMED – Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Valter Moura do Carmo - UNIMAR – Ceará
Prof. Dr. José Barroso Filho - UPIS/ENAJUM– Distrito Federal
Relações Internacionais para o Continente Americano
Prof. Dr. Fernando Antônio de Carvalho Dantas - UFG – Goías
Prof. Dr. Heron José de Santana Gordilho - UFBA – Bahia
Prof. Dr. Paulo Roberto Barbosa Ramos - UFMA – Maranhão
Relações Internacionais para os demais Continentes
Profa. Dra. Viviane Coêlho de Séllos Knoerr - Unicuritiba – Paraná
Prof. Dr. Rubens Beçak - USP – São Paulo
Profa. Dra. Maria Aurea Baroni Cecato - Unipê/UFPB – Paraíba

Eventos:
Prof. Dr. Jerônimo Siqueira Tybusch UFSM – Rio Grande do Sul
Prof. Dr. José Filomeno de Moraes Filho Unifor – Ceará
Prof. Dr. Antônio Carlos Diniz Murta Fumec – Minas Gerais

Comunicação:
Prof. Dr. Matheus Felipe de Castro UNOESC – Santa Catarina
Prof. Dr. Liton Lanes Pilau Sobrinho - UPF/Univali – Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Caio Augusto Souza Lara - ESDHC – Minas Gerais

Membro Nato – Presidência anterior Prof. Dr. Raymundo Juliano Feitosa - UNICAP – Pernambuco

---

C928
Criminologias e política criminal II [Recurso eletrônico on-line] organização CONPEDI/ UNISINOS
Coordenadores: Thais Janaina Wenczenovicz; Vladia Maria de Moura Soares. – Florianópolis: CONPEDI, 2018.
Inclui bibliografia
ISBN: 978-85-5505-689-5
Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações
Tema: Tecnologia, Comunicação e Inovação no Direito
1. Direito – Estudo e ensino (Pós-graduação) – Encontros Nacionais. 2. Assistência. 3. Isonomia. XXVII Encontro Nacional do CONPEDI (27 : 2018 : Porto Alegre, Brasil).
CDU: 34

Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito Florianópolis
Santa Catarina – Brasil
www.conpedi.org.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Porto Alegre – Rio Grande do Sul - Brasil
http://unisinos.br/novocampuspoa/

XXVII CONGRESSO NACIONAL DO CONPEDI PORTO ALEGRE – RS

CRIMINOLOGIAS E POLÍTICA CRIMINAL II

Apresentação

Têm sido comum os debates sobre a violência exercida e vivida na América Latina nas últimas décadas. Em se tratando de Brasil o cenário também é de grande repercussão. Dos bancos escolares as universidades a violência é discutida e presenciada cotidianamente. Neste cenário urge a participação dos diversos entes em busca de soluções e construção da cultura pela paz.

Importante destacar o papel da imprensa no contexto da violência no Brasil. Sabemos que a mídia em geral, e a imprensa em particular, tem influencia e poder para estimular discussões que envolvem crimes em geral. Dessa forma, a imprensa tem a responsabilidade social de alertar, conscientizar e sensibilizar a respeito da gravidade e trajetória do problema da violência contra os mais variados contextos e categorias sociais e também ao contextualizar o problema cobrar dos órgãos responsáveis a qualidade e abrangência dos serviços prestados.

Dos diversos temas e várias perspectivas metodológicas os trabalhos apresentados tangenciaram os grandes eixos como: corrupção; classe, Estado e raça; enfrentamento ao crime organizado; gênero; políticas públicas de enfrentamento a violência; violência estrutural e simbólica;

Nesse sentido, o Grupo de Pesquisa ‘Criminologias e Política Criminal II’ reúne ferramentas para contribuir com a divulgação de informações qualificadas e o debate contextualizado e profundado sobre a violência no Brasil ao mostrar e instigar a necessidade de revisar conceitos e atuação da sociedade como um todo constantemente, bem como mostrar sua complexidade. Pode-se constatar também por meio dos artigos criteriosidade e responsabilidade com os temas por parte dos autores para evitar a reprodução de estereótipos ou individualizar aquilo que na verdade tem um contexto muito mais amplo, simplificar ou reduzir o que é complexo.

Profa. Dra. Thais Janaina Wenczenovicz – UERGS

Profa. Dra. Vladia Maria de Moura Soares – UFMT

Nota Técnica: Os artigos que não constam nestes Anais foram selecionados para publicação na Plataforma Index Law Journals, conforme previsto no artigo 8.1 do edital do evento. Equipe Editorial Index Law Journal - publicacao@conpedi.org.br.

O FEMINISMO NEGRO NO BRASIL: ANOTAÇÕES SOBRE A INVISIBILIDADE DA MULHER NEGRA E PERIFÉRICA NO MOVIMENTO FEMINISTA

EL FEMENISMO NEGRO EN BRASIL: ANOTACIONES SOBRE LA INVISIBILIDAD DE LA MUJER NEGRA Y PERIFÉRICA EN EL MOVIMIENTO FEMINISTA

Mariane Mauss dos Santos [1]

Resumo

O presente artigo analisa o problema da invisibilidade das mulheres negras e periféricas para o feminismo. A partir disso realiza apontamentos sobre mulheres não acadêmicas que são feministas, experimentam a violência e retratam sua visão sobre movimento feminista tradicional e representatividade. Deste modo, questiona-se a ideia de universalização da categoria “mulher ou mulheres” somente em razão do gênero. Para tanto, ampara-se na óptica interseccional visualizar as nuances e os contornos do complexos do feminismo, demonstrando-se a necessidade de analisar os elementos que diferenciam as mulheres de uma forma igualmente complexa.

Palavras-chave: Feminismo, Interseccionalidade, Feminismo negro, Feminismo negro e periferia

Abstract/Resumen/Résumé

El presente artículo analiza el problema de la invisibilidad de las mujeres negras y periféricas para el feminismo. A partir de eso realiza apuntes sobre mujeres no académicas que son feministas, experimentan la violencia y retratan su visión sobre movimiento feminista tradicional y representatividad. De este modo, se cuestiona la idea de universalización de la categoría "mujer o mujeres" solamente en razón del género. Para ello, se ampara en la óptica interseccional visualizar los matices y los contornos de los complejos del feminismo, demostrando la necesidad de analizar los elementos que diferencian a las mujeres de una forma igualmente compleja.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Feminismo, Interseccionalidad, Femenino negro, Femenino negro y periferia

---

[1] Advogada. Graduada em Direito pela PUCRS. Graduanda em Ciências sociais pela UFRGS. Especialista em Ciências Penais pela PUCRS. Mestranda em Direitos Humanos pela UniRitter - Bolsista CAPES.

1. INTRODUÇÃO

A problemática que envolve as relações de gênero é a pauta central do movimento feminista. No entanto, a condição biológica de ser mulher não é suficiente ou determinante para que se possa criar uma categoria universal, ou uma pauta de luta universal, capaz de representar todas as mulheres, ou combater todas as formas de violência sofridas, independente de suas peculiaridades.

Nessa senda, o presente artigo aponta para a importância da interseccionalidade dentro do feminismo, a fim de que as peculiaridades de cada mulher sejam consideradas, com o objetivo de que todas as formas e opressão sejam identificadas e que seja possível olhar para a nossa condição enquanto mulher, reconhecer nossos privilégios e vislumbrar a necessidade de discutir questões que vão além do gênero como raça, sexualidade, condição social, entre outros.

Nesse sentido, justifica-se a presente pesquisa pela relevância de discussões como esta, as quais questionam a necessidade e que sejam reconhecidas as diferenças e os privilégios existentes entre as mulheres dentro do feminismo. Com isso, pretende-se compreender de que forma o entrecruzamento de elementos que geram opressão afetam diretamente a maneira como as mulheres se relacionam com o movimento feminista, como se enxergam e se sentem representadas e, consequentemente, a forma pela qual se expressam, se organizam e expõem seus anseios e lutas.

A partir de uma leitura crítica do movimento feminista e suas principais características, quais sejam, a forma linear que expõe a problemática do movimento, invisibilizando determinados elementos e relegando algumas lutas a segundo plano, mostram-se necessárias algumas reflexões críticas, sobretudo no que concerne à atenção e a representatividade de todas as mulheres dentro do movimento, sobretudo as negras de periferia que, apesar de não ocuparem os espaços tradicionais nas universidades, encontram na arte sua forma de expressão, e que esta deve ser vista com a mesma importância do trabalho realizado por pesquisadoras acadêmicas.

Trata-se, sobretudo, de uma pesquisa analítica que assume um viés crítico, a qual não busca realizar classificações ou o conceito da categoria mulher(es) dentro do feminismo (o que seria demasiado delicado e complexo, de envergadura monográfica), mas sim trazer luz a algumas categorias e às consequências do entrecruzamento de elementos que geram um duplo grau de violência, ao ponto de tornar possível uma reflexão sobre a situação das mulheres negras e periféricas no movimento feminista.

2. MULHERES NEGRAS DA PERIFERIA EM CENA: O feminismo da periferia e o rap de Karol Konka

A forma de expansão do feminismo nas academias ocorreu de maneira extremamente elitizada, em decorrência de que para que algumas mulheres pudessem ocupar lugares que ates era predominantemente masculinos, outras tiveram que ficar nas suas casas cuidando de seus filhos e desempenhando as tarefas domésticas: as mulheres negras. Então, o feminismo negro em si passou a desenvolver-se fora da academia, especialmente nas periferias onde moravam, predominantemente, as mulheres negras. Isto não quer dizer que o pensamento dessas mulheres se deu de forma menos sistemática e menos crítica, mas que foi na periferia que o feminismo ganhou corpo e uma nova forma de expansão, onde a vivência de opressões e violências passaram a ser discutidas em coletivos e também expressadas na arte.

> Tive muito receio do feminismo por achar que era algo acadêmico, algo que eu teria que saber explicar, que eu teria que saber escrever e teria que ficar lendo um monte de livros, fazendo um monte de pesquisas e ficar horas debruçada em páginas (o que não é mentira, existe MUITO conteúdo feminista compartilhado pela internet e é só um pequeno começo). Mas conhecendo melhor o feminismo, pude perceber que ele é muito prático também. Mulheres possuem inúmeras capacidades que se completam e é claro que precisamos das mulheres mais acadêmicas e também é claro que precisamos das mulheres mais práticas e isso foi como uma luva. Clareou ainda mais o resquício de receio que eu tinha de trilhar pelo feminismo e,

> finalmente, conhecer as outras várias oportunidades diferentes que isso me proporcionaria."[1]

A luta da mulher negra e periférica é contra a invisibilidade sofrida por elas perante à sociedade e ao próprio feminismo. Aliás, diz-se que o feminismo negro periférico é "prático", porque em que pese o fato de que a maioria das mulheres negras da periferia não tenha o contato com o ambiente acadêmico, tampouco com suas pesquisas (pois sua dupla ou tripla rotina não reserva tempo para tanto), observa-se que a maioria dessas mulheres são feministas em suas ações e reivindicações diárias e, compreender essa situação como forma de expressão do feminismo também é necessário.[2]

> Aprendi sobre feminismo quando as mulheres da minha família foram abandonas e tiveram os filhos abortados pelo pai, que sumiu e não deu nem um litro de leite. Quando minha mãe acordava cedo pra me criar e eu criança olhava minha prima menor pq a mãe dela também tinha que ir p centro limpar casa de madame. E hj estudei e estudo pra ajudar as mulheres da favela, da leste a se libertar!!!!!! Aprendi sobre feminismo pq chegava tarde do curso e subia correndo a quebrada com medo d ser estuprada, e chegava em casa e via minha mãe acordada preocupada me esperando a meia noite mesmo tendo q levantar as 4 da manhã pra ganhar um salário mínimo numa fabrica d roupa d grife, onde passava mal com o calor pq o patrão não queria ligar o ventilador p economizar luz. Essa é a parte do feminismo q não me vejo representada no centro da cidade. (sic)[3]

A sua vez, mesmo aquelas que acessam conteúdos literários feministas, relatam compreender que este não é um movimento linear, pois, apesar do "dever de existir" espaço para todas, o que acaba acontecendo é que uma parcela das mulheres que padecem de diferentes formas de opressão continuam sendo ignoradas pelo próprio movimento feminista. Para elas, dentro do feminismo, urge a necessidade da emergência de uma discussão até então ignorada pelo

---

[1] VIEIRA, Nênis. **O Feminismo negro é, principalmente, periférico.** Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/2014/07/09/o-feminismo-negro-e-principalmente-periferico/>. Acesso em: 14 jan.2018.

[2] VIEIRA, Nênis. **O Feminismo negro é, principalmente, periférico.** Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/2014/07/09/o-feminismo-negro-e-principalmente-periferico/>. Acesso em: 14 jan.2018.

[3] Comentário disponível em: < http://blogueirasnegras.org/2013/11/18/feminismo-periferia-invisibilidade-dedo-ferida>

feminismo tradicional, onde as mulheres questionem seus próprios privilégios, de tal modo que seja possível observar que a mulher negra e periférica não é devidamente representada dentro do movimento feminista.

> Comecei muito nova a me interessar pelo feminismo, procurava livros, revistas e sempre que ficava sabendo sobre alguma entrevista ou participação de alguma feminista em programas, corria para frente da TV, mas só me deparava com mulheres brancas, burguesas e nunca me vi representada, nunca ouvi nem vi nessa época alguma militante negra e da periferia sendo ouvida. Quando o tempo foi passando e participei de mais atividades é que me dei conta que sobre mulheres negras e da periferia quem falava não éramos nós, percebi que não queriam nos ouvir, e os "achismos" rodeados de classismo é que comandava o discurso.[4]

O feminismo da periferia muitas vezes é visto sob um olhar duvidoso por uma elite acadêmica que tem uma certa preferência por teóricas e teorias esquecendo que, embora tais teorias sejam de suma importância e tenham uma relevância ímpar para a construção das bases do feminismo, uma minoria de mulheres negras alcançam tais teorias. Menor ainda é o número de mulheres negras que seguem a carreira acadêmica ou desenvolvem teorias metodologicamente estruturadas, e não é por isso que devem ter a importância de sua participação ou seu grau de engajamento reduzidos ou menosprezados dentro do movimento feminista. Aceitar o contrário seria o mesmo que anuir com o preconceito de raça e de classe perpetrado por centenas de anos pela sociedade colonial.

As manifestações feministas acontecem na periferia das mais variadas formas e, muitas vezes, são articuladas através de coletivos, mas é por meio da arte que o feminismo negro periférico encontra uma importante forma de expressão. Hodiernamente, para a classe média, essa manifestação artística e cultural é vista com discriminação. Produções artísticas como funk, rap e grafites seguidamente deixam de ser consideradas "forma de cultura" pelas camadas mais altas da sociedade. No entanto, observando o conteúdo que estas produções

---

[4] OLIVEIRA, Luma. **Feminismo e periferia: Invisibilidade e dedo na ferida.** Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/2013/11/18/feminismo-periferia-invisibilidade-dedo-ferida/>. Acesso em: 14.jan.2018.

carregam, é perceptível as manifestações contra a opressão e desigualdade social expressas através da referida arte.

Na produção musical, merece destaque o trabalho da MC Karol Conka: mulher negra, de origem suburbana que retrata em suas músicas assuntos relacionados ao feminismo, às opressões e às violências sofridas pelas mulheres negras. Karol é uma feminista emergente do movimento negro. No ano de 2016, juntamente com MC Carol que também é mulher negra e da periferia, lançou o trabalho denominado 100% feminista, onde se retratam como mulheres negras, de cabelo duro, e relatam histórias por elas vivenciadas e que fizeram com que entendessem, na prática, a importância do feminismo, conforme pode ser observado no trecho a seguir:

> Presenciei tudo isso dentro da minha família| Mulher com olho roxo espancada todo dia| Eu tinha uns cinco anos, mas já entendia| Que mulher apanha se não fizer comida| Mulher oprimida, sem voz, obediente| Quando eu crescer eu vou ser diferente| Eu cresci, prazer carol bandida| Represento as mulheres, 100 por cento feminista[...]| Sou mulher independente não aceito opressão| Abaixa sua voz, abaixa sua mão[5]

A cantora logo passou a representar um símbolo de representatividade e empoderamento da mulher negra, é uma artista que expressa um feminismo cultural negro emergente, merecendo destaque sua contribuição para o feminismo brasileiro. Em suas músicas, além de relatar as lutas das mulheres negras, exalta a importância do resgate da autoestima das mulheres negras e da periferia. Apesar de cantar um ritmo que é bastante difundido entre os negros, o rap, em diversas oportunidades a cantora relatou as dificuldades de aceitação sofridas pelo fato de ser mulher, e que para ser reconhecida inúmeras vezes teve de se impor e sempre precisou trabalhar dobrado em relação aos homens para ter o mesmo espaço. Assim como as mulheres da periferia, relata que não conhecia o feminismo “acadêmico” e que se descobriu feminista quando algumas fãs mostraram que as

[5] Trecho da música 100% feminista de MC Carol e MC Karol Konka. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/mc-carol/100-feminista.html>. Acesso em 14 jan.2018.

letras de suas músicas relatavam pautas feministas, letras estas que ela criou com base em sua história de vida e situações de violência familiar presenciadas.[6]

As situações relatadas por Karol não são diferentes daquelas experimentadas pelas demais mulheres negras da periferia, afinal, elas representam o denominado “feminismo prático”. A realidade é que a violência experimentada por estas mulheres é potencializada e cruel, porque, além de todas as violências advindas das relações de gênero, sofridas diariamente pelo simples fato de ser mulher, as mulheres negras e da periferia ainda precisam lidar com o fato de serem invisibilizadas e muitas vezes ter sua forma de expressão desprestigiada dentro do próprio movimento feminista, inclusive pelas outras mulheres.

Reconhecer essa forma de expressão como um genuíno manifesto feminista, tão importante quanto às teorias acadêmicas desenvolvidas por outras mulheres, é trazer esta arte e as reivindicações de quem as sofre na pele essa dupla violência para dentro do ambiente acadêmico, é o mínimo que mulheres privilegiadas por poderem ocupar esses espaços podem fazer em prol do feminismo e em respeito a essas mulheres. E isto é o resultado de uma reflexão sobre os próprios privilégios, é dar vazão ao olhar interseccional, é reconhecer aquilo que nos aproxima e o que nos diferencia, é respeitar a luta e a história de todas as mulheres, afinal, colocar a teoria em prática também é necessário e essencial na luta feminista.

[6] Karol Conka fala sobre racismo, empoderamento da mulher negra e machismo dentro do rap nacional. Disponível em: <http://www.huffpostbrasil.com/2016/03/08/karol-conka-fala-sobre-racismo-empoderamento-da-mulher-negra-e_a_21686477/>.

3. FEMINISMO E INTERSECCIONALIDADE: Considerando as diferenças e enegrecendo o feminismo no Brasil.

No Brasil, o feminismo teve início em meados do século XIX, época em que as mulheres desempenhavam um papel secundário na sociedade vez que não lhes era permitida a participação na vida pública, não tinham direito ao voto e tampouco eram mencionadas na Constituição, ou seja, para o ordenamento jurídico vigente à época, as mulheres sequer eram consideradas cidadãs.[7]

Com as greves de 1917 e 1922, a criação do Parido Comunista e o advento da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, alguns direitos foram sendo conquistados, tais como a legalização do direito ao voto e o de representação política das mulheres no ano de 1934, data em que o país teve sua primeira deputada. Posteriormente, na década de 60, ocorreram outras conquistas como a disseminação dos métodos contraceptivos e o acesso às universidades, conquistas estas que, no entanto, puderam ser usufruídas apenas por uma determinada camada da sociedade.[8]

Issa inserção limitada ocorreu porque o surgimento do movimento feminista no Brasil foi baseado em influências europeias e norte-americanas, a partir das quais a chamada primeira onda feminista, que reivindicava a igualdade de direitos civis, estabelecia uma hegemonia entre as mulheres, colocando as referidas pautas como universais tão somente em razão do gênero. No entanto, por não observar as particularidades existentes dentro do gênero, o chamado "feminismo tradicional" não conseguia responder aos anseios de todas as mulheres porque reduzia a categoria mulher a uma identidade única e fixa."[9]

---

[7] VIEIRA, Kauê. **O Feminismo Negro no Brasil: Um papo com Djamila Ribeiro.** Disponível em: <http://www.afreaka.com.br/notas/o-feminismo-negro-brasil-um-papo-com-djamila-ribeiro/>. Acesso em: 14.jan.2018.

[8] VIEIRA, Kauê. **O Feminismo Negro no Brasil: Um papo com Djamila Ribeiro.** Disponível em: <http://www.afreaka.com.br/notas/o-feminismo-negro-brasil-um-papo-com-djamila-ribeiro/>. Acesso em: 14.jan.2018.

[9] MALTA, Renata Barreto; OLIVEIRA, Laila Thaíse Batista de. **Enegrecendo as redes: o ativismo de mulheres negras no espaço** virtual. Disponível em: <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero /article/viewFile/811/436> . Acesso em: 14.jan.2018.

Como consequência dessa universalização biológica, as mulheres vítimas de outra forma (ou múltiplas formas) de violência e opressão tiveram seus anseios silenciados e invisibilizados também dentro do movimento feminista. Contudo, é preciso observar que, em se tratando de mulheres negras, o processo de exclusão ultrapassa a questão pura do gênero e agrega fatores de classe e raça, fazendo com que a exploração sofrida por essas mulheres seja potencializada, em decorrência do processo histórico e colonial de organização da sociedade.[10]

> A mulher negra, assim como a mulher branca, é oprimida pelo homem branco porque ele, inserido numa ideologia patriarcal e eurocêntrica, acredita que tem maiores qualidades físicas, biológicas, intelectuais, de liderança para gerir a sua vida e a de outrem. É oprimida também pelo homem negro, que muito embora partilhe com ela uma experiência histórico cultural comum, não deixou de ser influenciado pela mesma ideologia patriarcal que sedimenta o inconsciente coletivo. É, ainda, oprimida pela mulher branca que, dada as circunstâncias históricas, estabelecem(ram) relações de dominação, de diferentes formas, desempenhando papéis que "legitimam(vam)" sua superioridade na hierarquia social em relação às mulheres negras. Essas duas formas de opressão, a de gênero e a de raça, atravessadas pela de classe, têm impedido, ou melhor, relegado às mulheres negras um papel social de muito menor prestígio na esfera social. [11]

A questão pode ser evidenciada numa rápida análise da história do Brasil, país que contou com mais de 300 anos de escravidão, onde a mulher imaculada, virgem, esposa, mãe e frágil era a mulher branca, enquanto à mulher negra incumbia o papel de trabalhar duro na lavoura, parir e cuidar de seus filhos e, ainda, servir sexualmente o dono da fazenda. Mesmo passado o período da escravidão, as mulheres negras passaram a ocupar posições desprestigiadas na sociedade, assim, quando o movimento feminista surgiu com suas reivindicações, o cenário que se pode observar foi das mulheres negras desempenhando o serviço doméstico nas casas das mulheres de classes mais abastadas, enquanto "as brancas de classes mais altas pudessem circular no espaço público. Ou seja,

---

[10] CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/ea/ v17n49/18400. pdf >. Acesso em: 14 jan.2017

[11] SILVA, Eliane Borges da. Tecendo o fio aparando as arestas: o movimento de mulheres negras e a construção do pensamento negro feminista. Disponível em: <http://www.desafio.ufba.br/gt6-003.html>. Acesso em: 14.jan.2018.

enquanto mulheres brancas lutavam pelo direito ao voto e ao estudo, as mulheres negras batalhavam para poderem existir".[12]

Dessa forma, é necessário que seja considerada a diversidade existente dentro do gênero, de modo que haja uma representação política verdadeiramente plural, em uma tentativa de abarcar outros cruzamentos como raça, etnia, idade, etc., conforme propõe Blutler ao "repensar as restrições que a teoria feminista enfrenta quando tenta representar mulheres."[13]

Nesse contexto, a interseccionalidade do feminismo faz-se necessária por enxergar para além do gênero outras categorias que, junto com este, constroem a subjetividade das mulheres tais como, raça, classe, orientação sexual, entre outros. Tais elementos, quando somados ou cruzados, produzem diversas formas de opressão, agressão ou privilégios, o que diferencia as mulheres entre si e justifica a necessidade desse olhar interseccional. [14] Ou seja, "a interseccionalidade é uma proposta para 'levar em conta as múltiplas fontes da identidade', embora não tenha a pretensão de propor uma nova teoria globalizante da identidade".[15]

Especificamente sobre as mulheres negras, a soma as categorias raça e gênero culminou numa diferença de classe que coloca a mulher negra, na maioria das vezes, em uma posição subalterna, fazendo com que esta seja vítima de um grau de violência e opressão ainda maior se comparado às mulheres brancas de classe média pu de sua mesma classe social. Ainda no cenário nacional é imprescindível observar que do ponto de vista salarial, os salários mais altos são dos homens brancos, seguido dos homens negros e mulheres brancas, ficando as

---

[12] VIEIRA, Kauê. **O Feminismo Negro no Brasil: Um papo com Djamila Ribeiro.** Disponível em: <http://www.afreaka.com.br/notas/o-feminismo-negro-brasil-um-papo-com-djamila-ribeiro/>. Acesso em: 14.jan.2018.

[13] BUTLER, Judith P. **Butler e a desconstrução do Gênero**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003. 236 p. Disponível em: < www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000100012>. Acesso em: 14 jan. 2018.

[14] OLIVEIRA, Maria Vanilda. **Um olhar interseccional sobre feminismos, negritudes e lesbianidades em Goiás.** Disponível em: < https://pos-sociologia.cienciassociais.ufg.br/up/109/o/Vanilda.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2018.

[15] HIRATA, Helena. Gênero**, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais**. Disponível em: < https://www.revistas.usp.br/ts/article/viewFile/84979/87743>. Acesso em 14 jan.2018.

mulheres negras na base da pirâmide, recebendo os menores salários. Do ponto de vista laboral, observa-se que as mulheres negras são as que desempenham por mais tempo funções de menor prestígio social com condições de trabalho precárias, representando o maior número de empregadas domésticas e, também, de desempregadas no país.[16]

Sobre essa situação Lélia Gonzales pondera o seguinte:

> Quanto à doméstica, ela nada mais é do que a mucama permitida, a da prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas. Daí, ela ser o lado oposto da exaltação; porque está no cotidiano. E é nesse cotidiano que podemos constatar que somos vistas como domésticas. Melhor exemplo disso são os casos de discriminação de mulheres negras da classe média, cada vez mais crescentes. Não adianta serem "educadas" ou estarem "bem vestidas" (afinal, "boa aparência", como vemos nos anúncios de emprego é uma categoria "branca", unicamente atribuível a "brancas" ou "clarinhas").[17]

Por isso, para a mulher negra, a pura reivindicação no primeiro movimento feminista de que as mulheres deveriam trabalhar nunca fez sentido em sua literalidade, vez que historicamente à mulher negra nunca coube a figura patriarcal da mulher inerte ou fragilizada. Pelo contrário, a mulher negra sempre trabalhou duro e no serviço pesado como as lavouras, o serviço doméstico das casas e, posteriormente, seguiram trabalhando a serviço e nas casas das mulheres brancas que ganharam as ruas e o mercado de trabalho, repetindo o que a história conta em um ciclo sem fim. E o mercado de trabalho formal, a sua vez, abre poucas oportunidades para as mulheres negras, pois, ao exigir "boa aparência" perpetua um velado preconceito racial que, na verdade, busca apenas um estereótipo branco, deixando as mulheres negras condenadas a sua própria sorte. Tudo isso, são reminiscências das relações e condicionamentos estabelecidos do período

---

[16] HIRATA, Helena. Gênero**, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais**. Disponível em: < https://www.revistas.usp.br/ts/article/viewFile/84979/87743>. Acesso em 14 jan.2018.

[17] GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.

colonial que, apesar de assumirem novas roupagens, nunca deixaram de existir. [18]

Além disso, o entrecruzamento entre raça e gênero resulta em um duplo grau de opressão e violência sofridas por essas mulheres, que representam mais da metade da população feminina no país, o que reflete claramente na sua condição social. Para ter-se ideia, as mulheres negras apresentam índices de alfabetização sensivelmente inferiores ao das mulheres brancas e, quanto maior o grau de escolaridade, mais díspares ainda revela-se a situação, pois, somente 11% das mulheres negras na faixa dos 18 aos 24 anos frequentam instituições de ensino superior, conforme os dados o PNAD de 2012. Também são nas mulheres negras as maiores incidência de óbitos durante a gravidez e puerpério, além de representarem o maior número de casos de mulheres em situação de violência doméstica, segundo os dados do IBGE do mesmo ano.[19]

A vitimização sofrida pelas mulheres negras é muito fortalecida pela imagem demasiadamente sexualizada transmitida pela mídia, que repassa a ideia de que essas mulheres são um produto apto a ser consumido. A exemplo disso, a mídia divulga para o exterior a figura das “mulatas tipo exportação”, que nada mais são dos que as passistas de carnaval, objetificadas e exploradas como um produto de cunho eminentemente sexual que estão, supostamente, à disposição dos estrangeiros que visitam o país. A verdade é que essas mulheres sofrem a discriminação desde a mais tenra idade em razão de seu gênero e de sua cor, situação denominada por Crenshaw como discriminação composta.[20]

Dessa forma, o olhar interseccional amplia a compreensão das diferenças, elucidando a incidência do processo de opressão que recai sobre as mulheres

---

[18] CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero.** Disponível em: < http://latitudeslatinas.com/download /artigos /enegrecer-o- feminismo-a-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-a-partir-de-uma-perspectiva-de-genero.pdf >. Acesso em: 14 jan.2017

[19] PASSOS, Joana Célia dos; ROSA, Stela. **Violências de gênero e racismo.** Cap 3. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Anahi_Mello/publication/312022036_Economia_moral_do_cuidado_um_estudo_sobre_violencias_contra_mulheres_com_deficiencia_em_Belo_Horizonte/links/5869678f08ae329d62100df9/Economia-moral-do-cuidado-um-estudo-sobre-violencias-contra-mulheres-com-deficiencia-em-Belo-Horizonte.pdf>. Acesso em 14 jan. 2017.

[20] PASSOS, Joana Célia dos; ROSA, Stela. **Violências de gênero e racismo.** Cap 3. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Anahi_Mello/publication/312022036_Economia_moral_do_cuidado_um_estudo_sobre_violencias_contra_mulheres_com_deficiencia_em_Belo_Horizonte/links/5869678f08ae329d62100df9/Economia-moral-do-cuidado-um-estudo-sobre-violencias-contra-mulheres-com-deficiencia-em-Belo-Horizonte.pdf>. Acesso em 14 jan. 2017.

negras que culmina na sua exploração tanto na esfera sexual como no mercado de trabalho. Também ajuda na construção de uma conscientização sobre o peso que a combinação de elementos como o machismo, racismo e preconceitos de classe, exercem sobre a configuração da violência sofrida pela mulher. A óptica interseccional ajuda a identificar as desigualdades e privilégios existentes entre as mulheres dada sua intersubjetividade, mostrando o quanto utópica revela-se a ideia de adoção de práticas universais que protejam todas as mulheres, e de que forma isso impacta na construção social, fazendo-se necessária a existência de políticas públicas que sejam efetivas e eficazes na proteção desse universo plural e desigual das mulheres brasileiras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objeto de estudo da situação das mulheres negras perante o movimento feminista, buscou trazer de forma perfunctória alguns aspectos relevantes que são partilhados entre os discutidos elementos geradores de opressão, sem contudo, ter a pretensão científica de esgotamento do tema. Deste modo, explorou a arte da periferia que exalta o feminismo e que relata as situações de opressão pelas próprias mulheres vítimas da violência, realizando uma leitura crítica do movimento feminista, buscando fornecer uma visão sobre os elementos que privilegiam e diferenciam as mulheres.

Percebeu-se, primeiramente, que é sim necessário um olhar interseccional e uma autocrítica a fim de que as mulheres reconheçam seus privilégios e a importância de dar visibilidade a outros elementos que, somados às problemáticas oriundas das relações de gênero, geram um duplo grau de violência ou violência composta.

Assim, desemboca-se no problema de dar voz àquelas que efetivamente sofrem dos preconceitos oriundos de um ou mais elementos cruzados.

Dessa forma, em um primeiro momento, fora abordada a emergência de feministas negras como Karol que passam a dar voz às mulheres de periferia. Saliente-se que, apesar de não ser a autora mulher negra de periferia (o que seria o ideal dentro da lógica avençada), em razão da compreensão da necessidade da

discussão em comento para um mestrado em Direitos Humanos, especialmente por ser egressa de uma turma onde não havia sequer uma mulher negra, a ideia foi trazer a expressão e as palavras das próprias protagonistas e vítimas do preconceito para academia, um ambiente que ainda é predominantemente branco e elitista, especialmente nos cursos de mestrado e doutorado. Em um segundo momento, abordou outros elementos causadores de opressão, no intento de compreender que o entrecruzamento de um ou mais elementos geram diferentes formas de opressão e violência, focando, especialmente na condição das mulheres negras e de periferia perante o feminismo. Assim, buscou trazer conceitos e classificações acadêmicas e científicas, buscando elucidar a forma de expansão do feminismo no Brasil, o que é interseccionalidade e a importância do feminismo negro.

Por fim, apesar de não ser pretensão da presente pesquisa esgotar a matéria em análise e em comento, ante a sua complexidade e os inúmeros desdobramentos que cada caso pode ter, viabiliza a compreensão de que a diversidade e a pluralidade das mulheres e das situações de opressão não pode ser disposta e um rol taxativo, e não há como se estabelecer uma solução prévia para todos os casos que dependem sim de uma análise individual e pormenorizada, fazendo-se necessária uma leitura atenta de caso, assim como a atenção e dando a devida importância a todas as formas de expressão existentes dentro do feminismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BUTLER, Judith P. **Butler e a desconstrução do Gênero**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003. 236 p. Disponível em: < www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000100012>. Acesso em: 14 jan. 2018.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero.** Disponível em: < http://latitudeslatinas.com/download /artigos /enegrecer-o- feminismo-a-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-a-partir-de-uma-perspectiva-de-genero.pdf >. Acesso em: 14 jan.2017

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/ea/ v17n49/18400. pdf >. Acesso em: 14 jan.2017

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.

HIRATA, Helena. Gênero**, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais**. Disponível em: < https://www.revistas.usp.br/ts/article/viewFile/84979/87743>. Acesso em 14 jan.2018.

MALTA, Renata Barreto; OLIVEIRA, Laila Thaíse Batista de. **Enegrecendo as redes: o ativismo de mulheres negras no espaço** virtual. Disponível em:

OLIVEIRA, Luma. **Feminismo e periferia: Invisibilidade e dedo na ferida.** Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/2013/11/18/feminismo-periferia-invisibilidade-dedo-ferida/>. Acesso em: 14.jan.2018.

OLIVEIRA, Maria Vanilda. **Um olhar interseccional sobre feminismos, negritudes e lesbianidades em Goiás.** Disponível em: < https://pos-sociologia.cienciassociais.ufg.br/up/109/o/Vanilda.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2018.

PASSOS, Joana Célia dos; ROSA, Stela. **Violências de gênero e racismo.** Cap 3. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Anahi_Mello/publication/312022036_Economia_moral_do_cuidado_um_estudo_sobre_violencias_contra_mulheres_com_deficiencia_em_Belo_Horizonte/links/5869678f08ae329d62100df9/Economia-moral-do-cuidado-um-estudo-sobre-violencias-contra-mulheres-com-deficiencia-em-Belo-Horizonte.pdf>. Acesso em 14 jan. 2017.

SILVA, Eliane Borges da. Tecendo o fio aparando as arestas: o movimento de mulheres negras e a construção do pensamento negro feminista. Disponível em: <http://www.desafio.ufba.br/gt6-003.html>. Acesso em: 14.jan.2018.

VIEIRA, Kauê. **O Feminismo Negro no Brasil: Um papo com Djamila Ribeiro.** Disponível em: <http://www.afreaka.com.br/notas/o-feminismo-negro-brasil-um-papo-com-djamila-ribeiro/>. Acesso em: 14.jan.2018.

VIEIRA, Nênis. **O Feminismo negro é,principalmente, periférico.** Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/2014/07/09/o-feminismo-negro-e-principalmente-periferico/>. Acesso em: 14 jan.2018.